

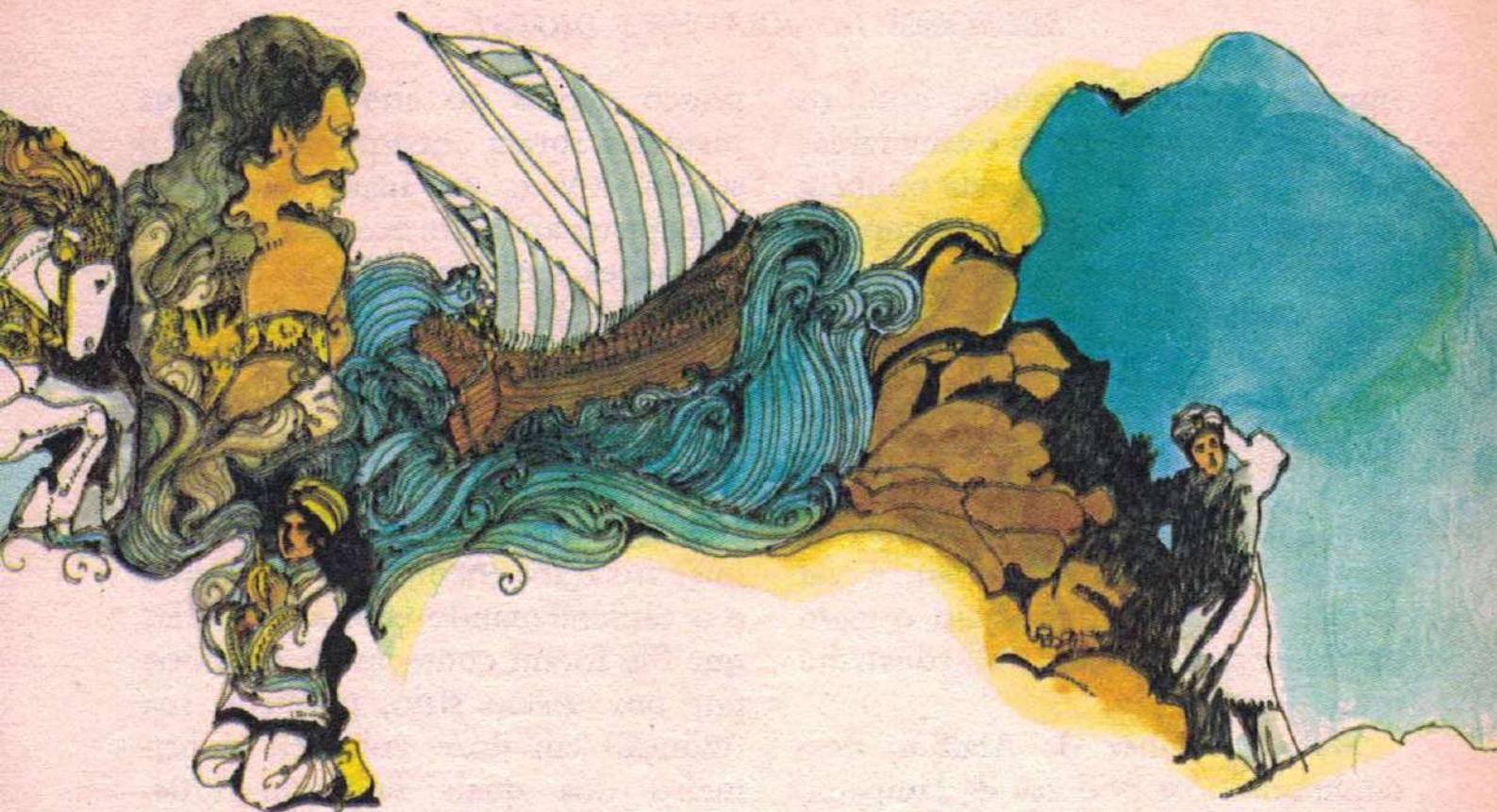


Sonhos e Pesadelos das Mil e Uma Noites

ERNEST O. HAUSER

*Com seus gênios, tapetes
mágicos e palácios
cravejados de pedrarias,
este clássico da literatura
continua a emocionar
as novas gerações, e a
colorir a nossa visão do
«misterioso Oriente»*

«**A**BRE-TE, Sésamo!» A fórmula mágica abre uma porta na rocha, e um atônito Ali Babá penetra na caverna abarrotada de pedras preciosas, ricos tapetes e pilhas de ouro e prata — o tesouro há muito acumulado pelos quarenta ladrões. Quando Ali Babá, um pobre mendigo, começa a se servir, prendemos a respiração. Conseguirá ele carregar suas três



mulas com os sacos de ouro, e voltar para casa? Ou será surpreendido e massacrado pelos bandidos, que já estão a caminho?

Este *suspense* cruel é típico das *Mil e uma noites*, cujo incrível faz-de-conta vem apaixonando há séculos os seus leitores. Desde sua introdução no mundo ocidental, há cerca de 270 anos, poucos livros conseguiram deixar uma impressão tão profunda em nossa imaginação quanto este buquê de contos de fadas orientais, cujos autores são desconhecidos, e cujas origens estão para sempre soterradas pelas areias do tempo. E, na realidade, nossas noções arraigadas sobre um Oriente romântico e misterioso brotam, em grande parte, das páginas e sagas deste livro.

Por que *noites*? As quase trezentas histórias do livro são ligadas entre si por um conto principal, a emo-

cionante narrativa da Shahryar, o lendário rei da Pérsia. Amargurado por uma esposa infiel, toma uma noiva diferente a cada noite, e a degola na manhã seguinte. Sherazade, a bela filha do primeiro-ministro, comparece à câmara nupcial. Mas, sabendo do que se passaria depois, faz com que uma serva fiel a acorde antes do alvorecer. Sherazade vai ao rei, e começa a lhe contar uma história, interrompendo-a numa passagem tão emocionante que o rei adia sua execução, para que possa ouvir o resto na noite seguinte. Esta história em seriado mantém a noiva viva durante mil e uma noites.

Aladim, um mendigo como Ali Babá, é o herói de outra dessas histórias. Embora seu nome signifique «Glória da fé», ele é o impressionável filho da viúva de um alfaiate. Com a ajuda de um mágico, se vê

num jardim deslumbrante, onde os diamantes, safiras, rubis e esmeraldas brotam das árvores, e onde também encontra uma pequena lâmpada. Descobre que, para ganhar a ajuda e os poderes sobrenaturais de um gênio, só precisa esfregar um pouco a lâmpada velha e embaciada. Então, todo o mundo lhe pertence. Aladim usa o gênio judiciosamente até se tornar rico e poderoso. Casa-se com a única filha do sultão, e vai viver com ela num palácio ornado de jóias, que o gênio lhe construiu numa única noite.

Mas, a mulher de Aladim, desconhecendo os poderes da lâmpada, troca-a com o mágico por uma nova. Imediatamente, todo o seu mundo encantado desaparece. Ela é transportada para os rincões da África, onde o mágico a tem em seu poder. Somente quando o bravo Aladim, depois de muitas dificuldades, chega ao seu exílio, mata o vilão e recupera a lâmpada, é que as coisas voltam a ser como eram. Depois, com a morte do sultão, o filho do alfaiate lhe sucede no trono.

Estes contos são do povo e pelo povo. Contadas e recontadas ao redor de um poço d'água, ou de uma fogueira, narradas de cidade em cidade, por artistas itinerantes, para platéias ansiosas, as *Mil e uma noites* (*Alf Layla wa Layla*) eram literatura viva muito antes que alguém decidisse pô-la no papel. O mais antigo fragmento de uma versão escrita, descoberto em 1947 no Cairo, foi escrito em árabe

pouco depois do ano 800. Novas histórias foram incorporadas até o século XV e, na Idade Moderna, os copistas andaram fazendo algumas alterações sem importância. Não há uma «versão autorizada» do texto.

O responsável pela descoberta desse tesouro oriental e por sua transformação num clássico universal foi um brilhante francês, Antoine Galland. Usando um manuscrito árabe encontrado em Alepo, e o suplementando com as histórias que lhe foram contadas de memória por um cristão sírio, publicou sua tradução em doze volumes, o primeiro dos quais saiu em 1704. A obra causou sensação. Uma tradução inglesa, *The Arabian Nights Entertainment*, foi publicada alguns anos depois, e tomou a Inglaterra de assalto. Outras traduções se seguiram. Hoje, as *Mil e uma noites* são lidas em todas as línguas civilizadas do mundo.

Onde estão as origens dessas histórias? As *Mil e uma noites* são uma mistura rica (e, às vezes, pornográfica) do folclore persa, indiano, grego e hebraico. Sua linguagem é plena da beleza oriental do *Cântico dos cânticos*. Os árabes, habitantes do deserto e com pouca bagagem literária, se apossaram da coleção quando criaram a sua florescente civilização, há cerca de 1.300 anos. Apropriando-se das *Mil e uma noites*, lhe emprestaram o seu inimitável sabor muçulmano. Quer a história se passe na China ou na Pérsia, a poderosa sombra de Maomé desce sobre a cena e, tanto

os príncipes quanto os mendigos, rendem os seus preitos a Alá. Velhice e sabedoria conferem grandes distinções. A caridade e a compaixão são virtudes intrínsecas. E o destino, dirigido por Alá, governa a vida dos homens.

Para os estudiosos do islamismo, as *Mil e uma noites* são um livro indispensável. Para o moderno viajante, as histórias guardam também um resíduo vital de verdade, pois ele ainda encontra as ricas caravanas se arrastando pelos desertos, vê miragens no horizonte, e percorre cidades abandonadas que lembram o «Irã das muitas colunas», mencionado no livro. Os bazares abobadados, onde mulheres cobertas por véus misteriosos agitam em seus dedos as contas e brocados, parecem ao turista ter saído «diretamente das *Mil e uma noites*».

Mas é a Idade de Ouro do Islã que vemos refletida no espelho das histórias. Harun al-Rachid (Aarão, o Justo), personagem central de muitas pelas, não é um herói imaginário. Governou, de fato, de 786 a 809, e a História o registra como um dos mais poderosos califas do Islã ocidental. Seu fascínio e riqueza eram reais. Como enviado do Profeta, era o senhor espiritual e temporal de um extenso império centralizado na Mesopotâmia, onde havia o lendário Jardim do Éden. Sua capital era Bagdá. Seu palácio, uma das maravilhas do mundo. Era amigo de Carlos Magno, seu contemporâneo, a quem ofertou um elefante que causou sensação na Europa.

Durante o reinado de Harun, Bagdá foi o centro comercial da Ásia, aí se negociando tudo, desde finos tecidos até especiarias, porcelanas, madeiras raras e pedras preciosas. Artistas e intelectuais a tornaram o centro cultural do mundo, quando a Europa ainda se encontrava imersa na Idade das Trevas. Muito da belíssima poesia e dos hinos ao amor, à beleza e à esperança das *Mil e uma noites* se originou na Bagdá de al-Rachid.

Numa história deliciosa, dois amantes, recém-chegados a Bagdá, passeiam pelo jardim particular de Harun, às margens do Rio Tigre. O califa, vestido como um pobre e rude pescador, lhes faz companhia. Os amantes logo confessam que são fugitivos de Basra, ao sul do império de Harun. «Por que não me contam o que os aflige?», pergunta o califa.

«Quer ouvi-lo em prosa ou verso, Pescador?», replica o jovem.

«Versos», responde o califa, «são como colares de muitas pérolas.»

Tristemente, o rapaz verseja sobre a ira do seu opressor, o cruel governador de Basra, que quis matá-lo para se apossar da garota. E Harun, sempre ao lado da Justiça, ordena a imediata execução do perverso governador, e instala o casal num belíssimo palácio, apresentando-o ainda com uma generosa porção do seu tesouro.

Para a maior parte dos leitores, o herói mais fascinante das *Mil e uma noites* é Simbá, o Marujo. Ele nos é apresentado como um impor-

tante e velho mercador, «de aparência nobre e venerável, imponente em estatura, belo de fisionomia e cheio de dignidade». Em sua deslumbrante mansão em Bagdá, narra sua vida. Sete vezes cruzou o oceano, «para comerciar e enriquecer». Certa vez, alguns de seus ajudantes foram inspecionar uma grande cúpula branca, e descobriram que era um ovo semi-enterrado do terrível Roc, o pássaro gigante que alimenta os filhotes com elefantes. Quebram com pedras a casca do ovo, e comem o tenro filhote. Mas, eis que os temíveis gigantes alados surgem do azul e afundam o navio, sob o peso de imensos pedregulhos atirados do alto.

Simbá se agarra a uma prancha, e é jogado pela corrente em outra ilha. Na manhã seguinte, encontra um velho coberto apenas por uma tanga, que não fala, mas por mímica, lhe pede que o leve nos ombros através de um rio. Simbá faz como ele pede. O velho enrosca as pernas ossudas ao redor do pescoço de Simbá e se recusa a descer. Mantém-se firmemente agarrado, mesmo quando o seu exausto cativo se joga ao chão para dormir. Mas Simbá finalmente o ilude, destilando suco de uva numa cabaça e lhe dando o vinho para beber. Uma vez embriagado, o velho afrouxa as pernas, e Simbá se desprende e o mata. E só quando é recolhido por um navio que passa, Simbá descobre que livrou o mundo do infame Velho do Mar, um monstro que leva os estranhos à morte para

devorá-los, e satisfazer sua gula voraz, praticamente insaciável.

Freqüentemente comparadas com a *Odisséia*, de Homero, as imaginosas histórias de Simbá são mais que uma mera história de aventuras. Expurgadas de seus óbvios exageros, elas resumem a impressão provocada pelo novo mundo que os marinheiros árabes estavam descobrindo nos dias áureos do califado. Suas vívidas descrições de pássaros e animais estranhos, de canibalismo e de busca às pérolas, das expedições às Ilhas das Especiarias, Cabo Comorim e ao rico Serendib (Ceilão), onde abundavam os rubis, são claramente baseadas em observações de primeira-mão. Um gênio desconhecido (acocorado, talvez, numa taverna às margens do Tigre) fundiu essas histórias dos navegadores árabes numa única narrativa. Não surpreende que a obra tenha servido de inspiração para inúmeros «livros de viagem», inclusive, como se supõe, o *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, e *As Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, entre vários outros.

Sob o feitiço dos contos de Sherazade, quanto menos «acreditamos», mais nos emocionamos. Com prazer, nos juntamos ao Príncipe Hussain em seu *tapete mágico*, que o leva a qualquer lugar num piscar de olhos. Abrigamo-nos sob a *tenda mágica* de Ahmed, que se estica para proteger todo o exército do sultão, embora, se comprimida, caiba na palma da mão. E, numa seqüência de sonho,

caminhamos ao lado do jovem Rei Beder no fundo do mar, cujas províncias e nações são mais populosas que quaisquer outras em terra firme; e as cidades habitadas por homens e mulheres, «contemplando, sob as águas, o sol e a lua, o céu e as estrelas».

Essas são as histórias contadas por Sherazade sob a constante ameaça da morte. Mil e uma noites se passam. E, milagrosamente, ela que, presumivelmente, passou as

noites contando histórias ao rei, deu-lhe três filhos! O tirano decide poupar-lhe a vida e, num relance de liberalidade, coroa-a sua rainha. Reúne então os escribas, e lhes ordena que escrevam todas as histórias que ela lhe contou. E aí estão elas, para que o mundo inteiro as desfrute — um tesouro mensurável, não em rubis ou diamantes, safiras ou esmeraldas, mas pela pulsação acelerada das muitas gerações de seus afeiçoados leitores.



Os RUSSOS parecem estar se entregando lentamente aos costumes materialistas do Ocidente, segundo o relatório anual da Repartição de Padrões Publicitários.

Em 1941, a Enciclopédia Russa definia assim a publicidade: «Uma conversa-fiada, um meio de enganar o povo e fazê-lo adquirir produtos freqüentemente inúteis ou de valor duvidoso.»

A Grande Enciclopédia Soviética, de 1972, no entanto, descreve a publicidade como: «A popularização de bens com a finalidade de vendê-los, a criação de procura desses bens, tornando-os conhecidos dos consumidores pela sua qualidade, propriedades particulares, locais de venda e explicação dos métodos para o seu uso.»

— *The Times*, Londres



SIR WALTER SCOTT tinha uma ótima expressão para definir a meia-idade; chamava-a de *alcançar o outro lado da colina*. É uma fase que, sem dúvida, tem os seus contras. O vento não sopra tão forte, nem as pernas são tão ativas como na subida; o passo encurta, e, à medida em que vamos descendo, temos de ter cuidado onde pomos os pés. Mas, na subida, a visão estava bloqueada pelas vertentes, e não havia panorama para ver, a não ser que olhássemos para trás. Agora, a viagem felizmente está adaptada às pernas cansadas, podemos descansar e refletir, uma vez que o cimo já foi ultrapassado, e há um vasto mundo à nossa frente, apesar de haver nevoeiro e sombras no horizonte.

— John Buchan, em *Memory Hold-the-Door*